

**PERFIL DE UM GRUPO DE ADOLESCENTES QUE JÁ EXPERENCIARAM A
MATERNIDADE**

**PROFILE OF A GROUP OF ADOLESCENTS WHO HAVE ALREADY EXPERIENCED
MOTHERHOOD**

**PERFIL DE UN GRUPO DE ADOLESCENTES QUE YA SON MADRES.
SUS EXPERIENCIAS**

FRANCISCA RUTH MARTINS¹
SARAH MARIA FRAXE PESSOA²
ROSILÉA ALVES DE SOUSA³

Este estudo visa levantar o perfil sócio econômico e cultural de um grupo de adolescentes que já experienciaram a maternidade por uma ou mais vezes. É um estudo exploratório e descritivo, com uma clientela de 30 adolescentes atendidas na MEAC, no período de 27 de fevereiro a 27 de março de 2002. A maioria das jovens estudadas possuía baixo nível sócio-econômico, com prole igual ou superior a dois filhos e vivia em regime de união consensual. Concluímos que existe a necessidade de intervenção para mudar o perfil das adolescentes e, portanto, quebrar o ciclo da reincidência de gravidez nesta faixa etária

PALAVRAS CHAVES: Gravidez na adolescência, Enquete sócio-econômica

This study aims at verifying the social, economic and cultural profile of a group of adolescents who have already experienced motherhood once or more than once. It is an exploratory and descriptive study in a group of 30 adolescents attended at the Assis Chateaubriand Maternity School from February 27 to March 27, 2002. Most youngsters studied had low social and economic level, with two or more children and lived in agreement with their companions. We concluded that an intervention to change the profile of those adolescents is necessary and, therefore, to break the recurrent cycle of pregnancy in this age.

KEYWORDS: Adolescence, pregnancy, social, economic and cultural profile

Este estudio muestra el perfil socio-económico y cultural de un grupo de adolescentes que ya pasaron por la experiencia de ser madre una o más veces. Se trata de un estudio exploratorio y descriptivo, realizado con una clientela de 30 adolescentes atendidas en el MEAC, del 27 de febrero al 27 de marzo de 2002. La mayoría de las jóvenes que hicieron parte de esta pesquisa, pertenecían a un nivel socio económico muy bajo, con un número de gestaciones igual o superior a dos hijos, y vivían bajo el régimen de unión consensual.

Concluimos que se debe intervenir de algún modo para poder cambiar este perfil de adolescentes embarazadas y por consiguiente, romper con el ciclo de reincidencia de embarazos en esta faja etária.

PALABRAS CLAVES: Adolescencia; Embarazo; Perfil socio-económico y cultural.

¹ Especialista em Enfermagem Obstétrica. Enfermeira da Maternidade Escola Assis Chateaubriand – Universidade Federal do Ceará.

² Mestre em Enfermagem. Enfermeira da Maternidade Escola Assis Chateaubriand – Universidade Federal do Ceará. cisne@secrel.com.br

³ Doutora em Enfermagem. Enfermeira da Maternidade Escola Assis Chateaubriand – Universidade Federal do Ceará. rosilea_alves@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS, a adolescência é a faixa etária compreendida entre 10 e 19 anos, caracterizada por profundas e abrangentes mudanças nos aspectos físicos e psicológicos, com repercussões individuais, familiares e sociais (BRASIL, 1996). Essas mudanças geram conflitos, dúvidas, insegurança e inquietação.

Esse quadro se agrava quando a jovem engravida nesse período, uma vez que a crise é dupla: à crise da adolescência soma-se a crise da gravidez, tornando a situação bem mais complicada (SILVA; SARMENTO, 1988). As dificuldades são maiores e os mecanismos para superá-los são menores, devido à insegurança, ao medo e às dúvidas que já são próprias dessa fase da vida.

De acordo com Díaz (1999), a gravidez acidental precoce tanto traz riscos para a saúde, como conseqüências sociais importantes, entre elas: o abandono dos estudos, a diminuição do padrão de vida e os problemas no futuro profissional, que levam a profundas mudanças do projeto de vida.

A gravidez na adolescência gera uma série de transtornos na vida de uma jovem, portanto, repetir duas ou mais gestações ainda nesta fase da vida é bem mais complicado. Segundo Silva e Sarmiento (1988), nos últimos anos, várias pesquisas realizadas têm mostrado que é cada vez maior o número de adolescentes que repetem mais de uma gravidez nesse período, sem respeitar o intervalo interpartal que se julga conveniente para manutenção e recuperação da saúde da mãe e da criança.

Como enfermeiras de uma Maternidade de nível terciário, referência para todo o Ceará com um serviço especializado para adolescentes, temos observado, empiricamente, que o número de adolescentes que chegam já na segunda ou terceira gravidez é preocupante, uma vez que, em geral, esta clientela tem como característica comum: baixo nível de escolaridade, falta de ocupação que gere recurso financeiro para sua manutenção, além de não ter união estável.

O grande número de adolescentes com história de gravidezes anteriores e nas condições descritas acima, bem como a nossa oportunidade de interagir com esta clientela em um ambiente mais humanizado nos levou a realizar este estudo a fim de conhecer o perfil sócio-econômico e edu-

cacional das adolescentes que já experienciaram a maternidade mais de uma vez, visando contribuir, incentivando e embasando trabalhos dos profissionais que prestam assistência a este grupo.

METODOLOGIA

Pesquisa quantitativa e exploratória, realizada no Centro de Parto Natural, no serviço de adolescentes e nas enfermarias de puerpério da Maternidade Escola Assis Chateaubriand da Universidade Federal do Ceará, no período de 27 de fevereiro a 27 de março de 2002. A clientela foi composta de 30 adolescentes de 10 a 19 anos, conforme definição da OMS (BRASIL, 1996). Acreditamos oportuno evidenciar que o número de adolescentes da amostra correspondeu ao total de jovens atendidas no serviço que preenchiam os critérios do estudo, no período da coleta de dados, quais sejam: adolescentes grávidas e puérperas que já experienciaram a maternidade por uma ou mais vezes.

Vale ressaltar que, neste estudo, utilizamos os conceitos de Polit e Hungler (1995, p.18), que *considera a pesquisa quantitativa como aquela que envolve a coleta sistemática de informação numérica, normalmente mediante condições de muito controle, além da análise dessa informação, utilizando procedimentos estatísticos* e de Trivinos (1994), que entende como estudo exploratório, o contato do pesquisador com determinada população, para aumentar sua experiência em torno de determinado problema.

A coleta de dados foi realizada a partir do preenchimento de um formulário, através dos registros no prontuário das adolescentes neste serviço, preenchido por ocasião da consulta de pré-natal, no decorrer do trabalho de parto ou do puerpério, durante a permanência da mulher no hospital.

O serviço de pré-natal para adolescentes possui três salas de atendimento com espaço para realização de reuniões e oficinas. Está composto por uma equipe multiprofissional, formada por: médico, enfermeira, psicóloga, assistente social e socióloga.

O centro de parto normal conta com 18 leitos, onde há um espaço reservado para adolescentes, com ambiente próprio e aconchegante, climatizado com músicas relaxantes

e acessórios, para proporcionar conforto e mobilidade da parturiente – com o intuito de promover uma boa evolução do trabalho de parto e um parto tranqüilo. Esse ambiente favorece uma maior integração entre as jovens que estão vivenciando a mesma experiência naquele momento. O respeito à privacidade é evidenciado pela colocação de divisórias, decoradas com motivos coloridos e alegres entre as camas, de maneira a minimizar o estresse provocado por ambiente estranho e pelo momento inusitado.

As enfermarias de puerpério estão divididas em: puerpério normal, puerpério de alto risco, puerpério de parto abdominal, permanecendo as puérperas em sistema de alojamento conjunto, com exceção do puerpério de alto risco.

Para a análise dos dados foram construídas as tabelas que permitiram o estudo relativo ao perfil sócio-econômico e educacional da clientela. Por ocasião do atendimento das adolescentes no serviço, coletamos os dados contidos na identificação do prontuário, na presença da jovem, confirmando as informações e respeitando os princípios éticos, uma vez que o estudo teve a aquiescência do grupo e lhes foi garantido o anonimato, além do direito de participação da pesquisa.

ANÁLISE DOS DADOS

A análise do perfil sócio-econômico e educacional englobou dados referentes a idade, escolaridade, paridade, ocupação, estado civil, procedência e condições de moradia.

A análise dos dados referentes à idade revelou que as adolescentes que experienciaram a maternidade por uma ou mais vezes se encontravam, em sua totalidade, na faixa etária de 16 a 19 anos. Este fato parece-nos preocupante, à medida que ao somarmos o tempo relativo à primeira gravidez e o tempo de retorno à vida sexual, teremos o início da atividade sexual na faixa etária de 12 a 13 anos. Nesta perspectiva, corroboramos as idéias de Lima *apud* Osório (1989), a ocorrência de gravidez em uma jovem que se encontra no limiar entre a infância e a adolescência, pode significar uma série de problemas de ordem emocional, social e de saúde, com repercussões marcantes em toda sua vida.

TABELA 1 – ESCOLARIDADE DAS ADOLESCENTES QUE JÁ EXPERIENCIARAM A MATERNIDADE POR UMA OU MAIS VEZES, NA MEAC-UFC, NO PERÍODO DE 27 DE FEVEREIRO A 27 DE MARÇO DE 2002

Escolaridade	Nº	%
Sem instrução formal	2	6,6
Ensino fundamental incompleto	19	63,3
Ensino fundamental completo	8	26,6
Ensino médio incompleto	1	3,3
Total	30	100,0

Conforme dados da tabela 1, observamos que a maioria (63,3%) das adolescentes estudadas abandonou os estudos antes de terminar o ensino fundamental. Como relatam Ferraz e Ferreira (1998), existe uma associação entre a maternidade precoce e o baixo nível educacional, sendo altas as taxas de evasão escolar quando ocorre uma gravidez. Apenas 26,6% terminaram o ensino fundamental e 3,3% estavam cursando esse período escolar.

Vale ressaltar que dentre a clientela estudada, 6,6% das adolescentes eram procedentes da zona rural e relataram não possuir instrução formal, justificando esta informação com o fato da escola ser de difícil acesso. Esse dado corrobora as idéias de Ferraz e Ferreira (1998), pois relatam que entre as mulheres grávidas ou já mães, o local de residência tem influenciado as razões para o abandono da escola e que existe um número maior de analfabetas entre mulheres de 15 a 19 anos com filhos.

Embora a rede pública de ensino tenha sido ampliada, ainda não é suficiente para a demanda, ficando muitas jovens com dificuldades ou mesmo impedidas de freqüentar a escola.

TABELA 2 – PARIDADE DAS ADOLESCENTES QUE JÁ EXPERIENCIARAM A MATERNIDADE POR UMA OU MAIS VEZES, NA MEAC-UFC, NO PERÍODO DE 27 DE FEVEREIRO A 27 DE MARÇO DE 2002

Paridade	Nº	%
P ₂	19	63,3
P ₃	9	30,0
P ₄	2	6,6
Total	30	100,0

Verificamos diante dos dados expostos na tabela 2 que a maioria das jovens estudadas (63,3%), já estava no

2º parto, 30,0% no 3º parto e 6,6% no 4º parto. Duas situações nos chamou atenção: a primeira referiu-se a uma jovem de 18 anos já experienciando o 4º parto e, a segunda uma adolescente de 16 anos na 3ª gestação, sendo este o 2º parto, uma vez que o primeiro parto foi por via abdominal, a 2ª gestação foi aborto e estava grávida pela terceira vez.

Inferimos que estas situações, conforme cita Schor (1996), têm origem no fato da maioria das adolescentes continuar não fazendo uso de métodos anticoncepcionais após o parto, ocasionando mais de uma gravidez ou ainda, como revela Dias (1997), para os adolescentes, conhecer os métodos anticoncepcionais não é sinônimo de usá-los, mostrando que a questão é bem mais complexa e ficando claro que não é só informar para mudar, mas educar de forma que o adolescente tome consciência da realidade e das conseqüências de uma gravidez em tempo inoportuno, para que essa conscientização leve a uma mudança de comportamento.

TABELA 3 – OCUPAÇÃO DAS ADOLESCENTES QUE EXPERIENCIARAM A MATERNIDADE POR UMA OU MAIS VEZES, NA MEAC-UFC, NO PERÍODO DE 27 DE FEVEREIRO A 27 DE MARÇO DE 2002

Ocupação	Nº	%
Do lar	22	73,3
Estudante	5	16,7
Doméstica	1	3,3
Estudante/do lar	2	6,7
Total	30	100,0

Os dados da tabela 3 revelam que a maioria (73,3%) das adolescentes do grupo estudado tem como ocupação, os afazeres domésticos, apenas 16,6% continuam estudando e 6,6% conciliam afazeres domésticos com estudo. Souza (1998), revela que a presença de filhos afeta as taxas de participação das mulheres no mercado de trabalho e na escola, em todas as idades. Entre as mais jovens, porém, seu efeito é maior. Percebemos que o índice de adolescentes que abandonou os estudos é muito alto em relação às que continuam estudando. Esses dados estão em consonância com os dados da tabela 1, no que se refere à escolaridade.

TABELA 4 – ESTADO FAMILIAR DAS ADOLESCENTES QUE JÁ EXPERIENCIARAM A MATERNIDADE POR UMA OU MAIS VEZES, NA MEAC-UFC, NO PERÍODO DE 27 DE FEVEREIRO A 27 DE MARÇO DE 2002

Estado Civil	Nº	%
União consensual	21	70,0
Solteira	6	20,0
Casada	3	10,0
Total	30	100,0

Na tabela 4 observamos que 70% das jovens questionadas vivem em união consensual, enquanto 10% estavam casadas e 20% ainda eram solteira. De acordo com Berquó *apud* Ferraz e Ferreira (1998), aproximadamente metade das jovens de 15 a 19 anos que declararam no censo de 1991 estar em união, refere-se a uniões consensuais, ou seja, sem vínculo civil, confirmando os dados encontrados na tabela acima. Devido à instabilidade da jovem, essas uniões tendem a ser frágeis e se desfazer em pouco tempo. A adolescente, ao enfrentar dificuldades dentro da primeira união consensual, busca segurança em outro companheiro, constituindo novo relacionamento ou retorna aos estudos e/ou trabalho, dependendo das condições em que vive e do apoio da família.

TABELA 5 – RENDA FAMILIAR DAS ADOLESCENTES QUE JÁ EXPERIENCIARAM A MATERNIDADE POR UMA OU MAIS VEZES, NA MEAC-UFC, NO PERÍODO DE 27 DE FEVEREIRO A 27 DE MARÇO DE 2002

Renda familiar	Nº	%
< 1 salário mínimo	2	6,6
1 – 2 salários mínimos	20	66,7
3 – salários mínimos	8	26,7
Total	30	100,0

Verificamos que a renda familiar da maioria (33,3%) das adolescentes do grupo pesquisado está entre 1 e 2 salários mínimos. Apenas 26,6% têm renda familiar igual a 3 salários e 6,6% têm renda inferior a 1 salário mínimo. É difícil atender às necessidades básicas de uma família, com salário neste valor. É inegável que a gravidez na adolescência, especialmente nas faixas de renda mais pobres, contribui para a perpetuação de um ciclo de pobreza e carência (BRASIL, 1999).

Tabela 6 – Procedência das adolescentes que experienciaram a maternidade por uma ou mais vezes, na MEAC-UFC, no período de 27 de fevereiro a 27 de março de 2002

Procedência	Nº	%
Capital	23	76,7
Interior do estado	7	23,3
Total	30	100,0

Constatamos, na tabela 6, que a maioria (76,6%) das adolescentes questionadas era da capital, e 23,3% do interior do estado. Como já revelado anteriormente, a instituição na qual foi realizado este estudo é de nível terciário, sendo referência para todo o Ceará. Assim sendo, várias instituições interioranas encaminham suas adolescentes, tendo em vista os riscos maternos e/ou fetais da gravidez nessa faixa etária e justificando assim a necessidade de suporte adequado que ofereça segurança e qualidade na assistência.

TABELA 7 – CONDIÇÕES DE MORADIA DAS ADOLESCENTES QUE JÁ EXPERIENCIARAM A MATERNIDADE POR UMA OU MAIS VEZES, NA MEAC-UFC, NO PERÍODO DE 27 DE FEVEREIRO A 27 DE MARÇO DE 2002

Condições de Moradia	Nº	%
Casa de tijolo, c/ água encanada, esgoto e energia elétrica	21	70,0
Casa de tijolo c/ água encanada c/ energia elétrica, s/ esgoto	3	10
Casa de tijolo sem água encanada, c/ energia elétrica s/ esgoto	4	13,3
Casa de taipa, água de poço, s/ fossa, s/ energia elétrica	2	6,6
Total	30	100,0

A tabela 7 mostra que, do total de adolescentes estudadas, 70,0% residem em casa de tijolo com água encanada, sistema de esgoto e energia elétrica, enquanto 6,6% residem em casa de taipa, utilizando água de poço sem sistema de fossa e sem energia elétrica. Tendo em vista que a maioria das jovens estudadas era da capital, estas apresentam melhores condições de vida no que se refere à moradia. As jovens da zona rural estão em condições mais desfavorá-

veis, transparecendo as condições sócio-econômicas precárias, visto que as famílias, em geral, vivem da agropecuária e apresentam maior dificuldade de terem um emprego fixo que atenda as suas necessidades básicas.

CONCLUSÃO

Diante dos resultados obtidos através deste estudo podemos concluir que a maioria (63,3%) das jovens estudadas possuía um baixo nível educacional, uma baixa renda familiar, exercia a função do lar, tinha prole igual ou superior a dois filhos e vivia em regime de união consensual. Essa realidade contribui para ocorrência de gravidezes na adolescência e favorece a perpetuação do ciclo de pobreza.

Reconhecendo a necessidade de intervenção para mudar o perfil das adolescentes e, portanto, quebrar o ciclo da reincidência de gravidez nesta faixa etária, faz-se necessário um olhar novo por parte dos profissionais de saúde e das autoridades governamentais no sentido de oferecer condições para ampliação da rede de ensino e dos serviços de saúde, como também melhorar a qualidade dos já existentes. Justifica-se ainda a necessidade de realizar treinamento e buscar sensibilização dos profissionais que prestam assistência a essa clientela a fim de embasar um trabalho consistente e duradouro que venha atender as reais necessidades e expectativas dessas jovens.

É importante também promover trabalhos em parceria com os pais, para que unidos – escola, família e serviços de saúde possam desenvolver estratégias que levem os jovens a ter uma visão mais ampla sobre a problemática da gravidez na adolescência, proporcionando assim uma mudança de comportamento.

O perfil demonstrado é instigante e leva-nos a fazer uma reflexão sobre o que nós, profissionais de saúde, podemos fazer para mudá-lo: Criar novas frentes de educação em saúde sexual e reprodutiva para as adolescentes de baixa renda? Preparar professores para melhor orientação das adolescentes? Formar adolescentes multiplicadores dessas informações para atuar junto aos demais adolescentes?

Não temos respostas para estes questionamentos, mas nossa expectativa é que as informações contidas neste trabalho possam servir como embasamento para reflexão daqueles que prestam assistência a este grupo e, em consequência, favorecer uma assistência holística a essa clientela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Instituto de Previdência e Assistência Social. **Por que as adolescentes são vulneráveis ao HIV, às violações e à gravidez não desejada?** Rio de Janeiro, 1999. p. 4 – 24. (Temas no Tratamento do Aborto. n. 4).

BRASIL. Ministério da Saúde. **A adolescente grávida e os serviços de saúde do município.** Brasília: Unicef/Carasems/OPAS, 1996.

DIAS, Cristina Jorge. Prevenção em sexualidade na adolescência. **Mundo Saúde**, v. 21, n. 2, p. 82 – 85, mar/abr. 1997.

DÍAZ, Juan; DÍAZ Margarita. Contracepção na adolescência. In: SCHOR, Néia; MOTA, Maria do Socorro F. Tabosa; CASTELO BRANCO, Viviane (Org.) **Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento.** Brasília: Ministério da Saúde, 1999. v. I, p. 206-212.

FERRAZ, Elizabeth Anhel; FERREIRA, Inês Quetal. Início da atividade sexual e características da população adolescente que engravida. In: VIEIRA, Elizabete Meloni. et. al. (Org.) **Seminário gravidez na adolescência.** Rio de Janeiro: Associação Saúde da Família, 1998. p. 47 – 54.

OSÓRIO, L. C. **Adolescência hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

POLIT, Denise F.; HUNGLER, Bernadette P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem.** 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 18.

SCHOR, Néia, et. al. Adolescência e anticoncepção: análise e discussão das adolescentes grávidas e puérperas em relação a anticoncepção. **Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.**, v. 6, n. 1 / 2, p. 77 – 86, jan./dez. 1996.

SILVA, João Luiz Pinto; SARMENTO, Regina C. Gravidez. In: SÃO PAULO. Secretaria da Saúde. Comissão de Saúde do Adolescente. **Adolescência e saúde.** São Paulo, 1988. p. 131–142.

SOUZA, Marcelo Medeiros Coelho. A maternidade nas mulheres de 15 a 19 anos como desvantagem social. In: VIEIRA, Elizabete Meloni; et. al. (Org.). **Seminário gravidez na adolescência.** Rio de Janeiro: Associação Saúde da Família, 1998. p. 74 – 90.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1994. p. 109.

RECEBIDO EM: 27/01/2003

APROVADO EM: 02/04/2003